

Ivanildo Vila Nova: 62 anos de uma vida na poesia improvisada

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Gilber Souto Maior
soutomaiorgilber@gmail.com

Resumo. Ivanildo Vila Nova foi um cantador de repente que passou 62 anos de sua vida (1963 – 2025) vivendo exclusivamente do canto improvisado, sendo um dos últimos da geração dos anos 1940 a finalizar sua trajetória como profissional da cantoria. Na nossa tese apresentamos um breve relato biográfico a partir das informações coletadas nas bibliografias sobre cantoria e das entrevistas com o cantador, construindo no decorrer da pesquisa um diálogo com diversos autores para tentar compreender questões inerentes ao ambiente da cantoria, no seu desenvolvimento e adequação à modernidade, como em questões de desenvolvimento e crescimento profissional do cantador. Nossa pesquisa tem uma fundamentação histórico-bibliográfica, a partir de materiais escritos no século XX, bibliografias e dicionários voltados especificamente para uma propagação histórica dessa manifestação, além de relatos de nomes importantes, desde o século XIX. Utilizamos algumas teorias como ferramentas para interpretar certas situações vividas pelo cantador, durante o seu processo informal de educação na cantoria, e da sua própria descoberta como cantador de repente. Entre 2023 e 2025 acompanhamos o cantador registrando momentos de seus últimos anos de profissional, presenciando in loco o fazer “de repente” e, tivemos a oportunidade de coletar diversos e valiosos relatos do próprio Ivanildo fazendo deste trabalho uma forma de manutenção e preservação de um dos ícones desta manifestação cultural, sendo considerado por apologistas e companheiros de profissão o “Rei” dos cantadores.

Palavras-chave. Vila Nova, Ivanildo, 1945-, Improvisação (Música), Repentes (Música), Poesia popular – Brasil, Nordeste.

Title. Ivanildo Vila Nova: 62 years of a life dedicated to improvised poetry.

Abstract. Ivanildo Vila Nova was a repente singer who spent 62 years of his life (1963–2025) living exclusively from improvised singing, being one of the last of the 1940s generation to end his career as a professional singer. In our thesis, we present a brief biographical account based on information collected from bibliographies on cantoria (improvised singing) and interviews with the singer, building a dialogue with various authors throughout the research to try to understand issues inherent to the environment of cantoria, its development and adaptation to modernity, as well as issues of the singer's professional development and growth. Our research has a historical-bibliographical foundation, based on materials written in the 20th century, bibliographies and dictionaries specifically focused on the historical dissemination of this manifestation, in addition to accounts from important figures since the 19th century. We use some theories as tools to interpret certain situations experienced by the singer during his informal education in cantoria and his own discovery as a repente singer. Between 2023 and 2025, we followed the singer, recording moments from his last years as a professional, witnessing firsthand the "improvised" performance, and we had the opportunity to collect several valuable accounts from Ivanildo himself, making this work a way of maintaining and preserving one of the icons of this cultural manifestation, considered by apologists and fellow professionals to be the "King" of singers.

Keywords. Vila Nova, Ivanildo, 1945-, Improvisation (Music), Repentes (Music), Folk poetry – Brazil, Northeast.

1.1 – Biografia de Ivanildo Vila Nova

1.1.1 - O começo: 1945 a 1956

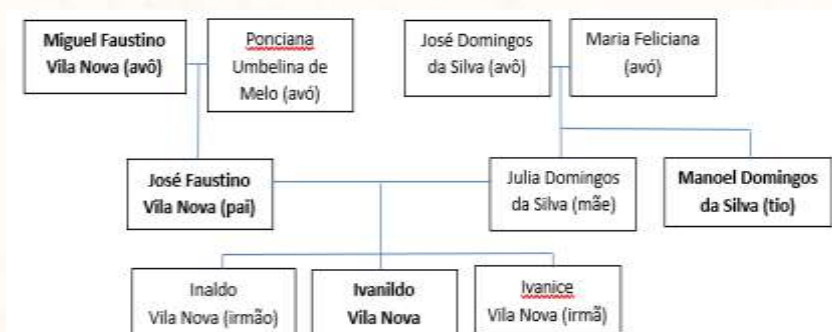
Nascido na cidade de Caruaru/PE no dia 13 de outubro de 1945, filho de José Faustino Vila Nova e Julia Domingos da Silva, recebeu instruções sobre diversos assuntos pertinentes para o desenvolvimento da mente de um cantador diretamente com seu pai que era um profissional da poesia improvisada ao som da viola.

Teve os primeiros anos de infância como muitas crianças, crescendo e se desenvolvendo nas brincadeiras tradicionais do passado como “barra bandeira”, indo aos sítios para carregar frutos de palma nos roçados e gogóia.

Segundo Ivanildo, os cantadores entravam na profissão a partir de uma influência familiar, que eles chamam de hereditariedade, ou pela necessidade, isto é, por sobrevivência, por não saber fazer nada, sem profissão.

Na sua família, além do pai que era um afamado cantador profissional, ainda tinha em sua árvore genealógica o seu avô Miguel Faustino Vila Nova, nascido em Gonçalves Ferreira/PE, que era cantador e poeta popular.

Figura 1: Árvore genealógica de Ivanildo Vila Nova. Os nomes em negrito são de cantadores ou poetas de sua família.



Fonte: Autoria própria



Além dos irmãos citados acima, ele ainda tinha por parte de pai mais quatro, todos já morreram. São eles: Abel, Dezinho, Juvanil e Dagmar.

Diferente dos dias atuais, a escola naquela época era um período que se iniciava aos 7 anos de idade, antes disso, Ivanildo passou esses primeiros anos em casa com sua mãe. Segundo ele, qualquer criança tinha o seguinte percurso: primário, depois admissão ao ginásio, ginásio e científico. Os conhecimentos adquiridos através de seu pai o fizeram sair do 3º ano do primário e avançar duas séries para o exame de admissão do Ginásio. Quando chegou no Ginásio, fez o 1º ano, porém não conseguiu passar, repetindo a série e em seguida abandonando a escola.

Em 1954 Ivanildo viaja com seu pai e mais um irmão para São Paulo, nesta ocasião tinha 9 anos. Seu pai saiu e ficou um ano viajando com o cantador alagoano Lourival Bandeira pelo Paraná e Mato Grosso. Ivanildo e seu irmão moraram por um ano na casa deste cantador na conhecida Vila Carrão, na rua Taguató, e ficaram aos cuidados de sua esposa Aurinete que tinha duas filhas Aurineide e Áurea.

O seu contato com os cantadores era quase que constante na infância, afinal naquela época os profissionais da cantoria não se hospedavam em hotel. Muitos ficavam na casa de apologistas, outros dormiam na zona meretrícia, e outros ficavam na casa de amigos de profissão, ou mesmo que não dormissem frequentavam as casas uns dos outros.

Nessa fase da vida Ivanildo era levado por seu pai em diversos ambientes de cantoria, e de uma certa forma, ele participava como um expectador observando cada detalhe. De acordo com Zumthor (1997, p.33 e 34) existem cinco fases da performance, que são a produção, a transmissão, a recepção, a conservação e repetição.

Ele mesmo nos afirmou que muitas vezes foi em cantorias sem entender nada sobre o assunto (até cita alguns nomes como Zé Vicente, Aristo e João da Silveira) e nos relata que presenciou uma cantoria no Cedro/CE entre seu pai e Pinto do Monteiro, que para muitos é considerado o maior cantador que já existiu.

Essas experiências acabaram se tornando uma vivência (Vigotski, 1998, p.110) adquirida que anos mais tarde desabrochariam na mente do cantador, reverberando as ações do passado, como uma prévia do que iria chegar na vida adulta de Vila Nova.

Segundo Volochinov (2011, p.178), qualquer ação de reflexão requer uma comunicação com o interior do indivíduo, afinal indivíduos com seus conhecimentos e vivências prévias tem condições de dialogar consigo mesmo, buscando atingir a sua comunidade de forma mais coerente.



Esse aprendizado da infância, vivenciado por Ivanildo durante as andanças com seu pai em diversos lugares, acabaram estabelecendo o que Nassif e Schroeder (2016, p.147) tratam como dialogia, uma ação que se relaciona com outra do passado, nem sempre intencionalmente: apenas um tipo de aprendizado que acontece através do tempo, ecoando numa espécie de diálogo.

Esse linguajar, inicialmente nesse período pré-escolar, certamente agiu apenas como meio de comunicação entre Ivanildo e o ambiente da cantoria que lhe foi apresentado desde cedo. Estes eventos foram de alguma forma preparando o seu intelecto para um futuro pensar interior, tendo as vivências como as primeiras lições da cantoria de sua vida.

1.1.2 - 1957 a 1963

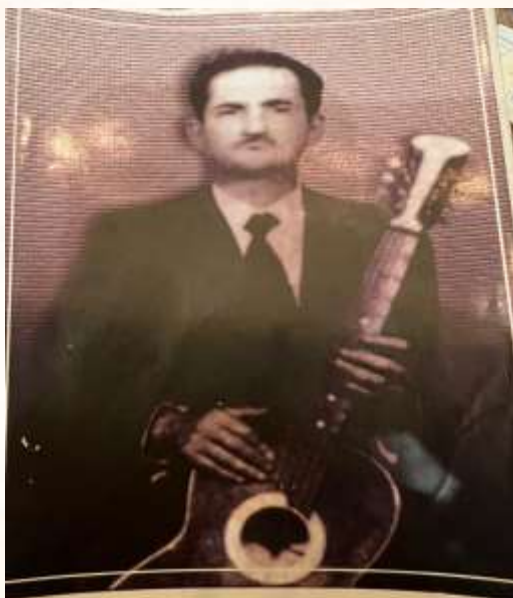
Neste momento de sua vida, ele começa a ter um posicionamento mais ativo dentro do contexto da cantoria. Ivanildo começou a ganhar dinheiro, entre onze e doze anos de idade, com seu conhecimento geral. Ele nos contou que seu pai o levava pelas ruas para transmitir o que aprendia em versos

Eu disse a você, né?, que eu comecei ganhando dinheiro com meu conhecimento geral, certo? Na rua encontrava as pessoas e me botava pra responder as perguntas sobre história geral, corpo humano, história do Brasil, datas importantes e depois me mandava fazer o verso. (Entrevista ao autor em 07/08/2023)

Além de cantar, dos doze aos dezoito anos de idade ele estudava e chegou a trabalhar em alguns lugares como padarias, casas de ferragens e bodegas. É possível observar o poder da cantoria na vida de Vila Nova, que sempre coloca o ato de cantar nas suas ações desde a infância, mesmo quando eram apenas versos decorados e canções, uma vida no repente ainda como amador.



Figura 2 – José Faustino Vila Nova



Fonte: Arquivo do apologista Erocides Bezerra.

Volóchinov (2011, p.158) fala das enunciações da vida cotidiana, que podem não parecer claras diante dos que não conhecem o ambiente social mais imediato. Podemos olhar através desse conceito de Volóchinov e verificar algumas dessas diversas enunciações em todas as fases de sua vida. Ivanildo se viu mergulhado num ambiente repleto de poesia e cantoria, e que entende que o seu pai viu nele um potencial mantenedor de seu legado na cantoria.

Mas algo estava subentendido na ação de seu pai. Ações estas que acabaram formalizando uma espécie de chamado, como o próprio Ivanildo admite:

Eu comecei a perceber uma afeição especial por mim, ele queria me fazer dele um sucessor. Entendeu? Aí eu comecei a aprender os versos que ele recitava, comecei a ouvir as histórias de outros cantadores que ele declamava, versos de outros cantadores. Na verdade, ele era o meu guru, era o meu mestre e tudo, agora o cantador que eu admirava de tanto ele falar era Dimas Batista, com o qual depois eu cantei, viajei, tive embates, né?, formidáveis, a partir daí eu senti... ele me leva para as cantorias, que me levava com ele para as viagens que ele ia com outro cantador... dos doze aos dezoito foi esse bate e volta, nesse bumerangue (Entrevista ao autor em 07/08/2023).

Ivanildo nos contou que teve a sua primeira aparição radiofônica neste período de sua vida, mas precisamente em 1957, aos doze anos, cantando em cima de um caixote de sabão para poder alcançar o microfone, que naquela época era comum descer do teto.

Nesse período chegou a cantar em comícios as emboladas que o seu pai fazia para os candidatos durante as eleições. Entendendo, segundo Vigotski (1998, p.119), que o



desenvolvimento e o aprendizado caminham de maneiras diferentes, vemos que nessa fase de sua adolescência Ivanildo passou de espectador para um atuante na cantoria, passando por uma experiência de grande valia para o que viria a ser no futuro.

Segundo Hall (apud Nassif e Schroeder, 2016, p.152), os seres humanos são interpretativos em suas ações, e interagem de forma ativa ou passiva, executando ou apenas sendo um observador nas interações sociais.

Com o tempo o fazer musical foi-se fortalecendo, ao ponto de ser anunciado nas localidades em que seu pai cantaria. Ele mesmo nos afirma que: “Durante muito tempo eu era o ‘menino que cantava’, o filho de Vila Nova, o ‘filho de Zé Faustino’, ‘olha, Vila Nova tem um menino que canta!’”.

Assim como em outras práticas humanas, na cantoria existe uma série de sistemas de significado, para que se possam interpretar as ações uns dos outros neste ambiente, refletindo o que Hall (apud Nassif e Schroeder, 2016, p.152) afirma: “...todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”.

Durante sua adolescência e juventude ele passou por práticas de significação importantes como ir para as cantorias apenas para assistir, ou fazer participações especiais cantando pequenos números aprendidos com seu pai (Entrevista para o autor em 07/08/2023).

A idade foi chegando e a maturidade também, e com isso Ivanildo ouviu de seu pai, seu mentor, que era o momento de alçar outros voos na vida, neste caso apresentando o que o esperava caso realmente fosse viver da cantoria.

1.1.3 - O início na profissão: 1963

O dia 07 de junho de 1963 data o início da vida de Ivanildo Vila Nova na profissão de cantador. Ele nos conta que, neste exato dia, seu pai o deixou no ponto de ônibus em Caruaru/PE num local chamado O Sertanejo, para ir com destino a Sumé/PB. Deste local saíam ônibus que rodavam o interior da Paraíba e Pernambuco. Ele passou o dia inteiro viajando, chegando em Sumé no período da noite, onde dormiu e depois foi ao encontro do amigo de seu pai, Pedro Batista, levando um bilhete, um violão Tranquilo Giannini, duas calças e uma blusa.

Ser reconhecido como o maior cantador vivo no meio do repente tem sido a tônica de Ivanildo desde os anos de 1990, quando ele recebe o título de “Rei dos cantadores” pelos próprios repentistas, mas verificamos, seguindo a sua história, que esta habilidade e capacidade intelectual veio sendo forjada desde a sua infância.



Figura 3 – Ivanildo Vila Nova há aproximadamente 50 anos atrás, logo após a sua chegada em Campina Grande/PB



Fonte: Arquivo pessoal de Ivanildo Vila Nova.

Nesse período da vida quando ele chega em Sumé, nos contou que ficou dois meses cantando por esta região da Paraíba com os cantadores da localidade, mas nos afirma que não tinha saído do lugar. Foi quando o seu pai apareceu em agosto de 1963, sendo uma espécie de mola propulsora, percebendo que o filho não tinha se desenvolvido e que precisava de instruções mais práticas se quisesse realmente viver da cantoria. Isto vem a confirmar o que Nassif-Schroeder (2004, p. 113) nos apresenta através de uma das premissas da perspectiva histórico-cultural, que é o desenvolvimento através da interação social e cultural.

Segundo Ivanildo, seu pai o encontrou em Sumé e praticamente o carregou para que saísse cantando com ele e entendesse o que era viver da cantoria. Seguiram pelo interior, região das Espinharas na Paraíba, Pajeú em Pernambuco, além de passar pelo Rio Grande do Norte e Ceará. Essa viagem com certeza foi marcante, e ele nos contou com detalhes sobre esse momento que serviu para mostrar o que seria viver da cantoria:

Passou o tempo e meu pai apareceu e me tirou de lá, viajei com ele pra Livramento, São José do Egito, Teixeira, Catolé do Rocha, fomos lá pra cima da Serra de João Dias no Rio Grande do Norte, aí de lá a gente pegou o trem, foi até Mossoró, de Mossoró eu me lembro que a gente foi pra Tabuleiro onde morava Dimas Batista, certo? Voltou pra Mossoró, eu sei que realmente a gente só desfez a parceria já em 64, já muito adiante, em 64. Ele desceu pra Caruaru e realmente, a gente não, não cantou mais, tá certo? (Entrevista ao autor em 07/08/2023).

Na volta pra Caruaru/PE o seu pai coloca um ponto final na parceria e segundo Ivanildo, Zé Faustino disse:



Olhe, você já está um cantador pronto, não é? A gente, não adianta ficar cantando com você pra gente ficar se debatendo, aí deu até um exemplo ‘como Joaquim e Diniz Vitorino’ o pai e o filho! ‘Você canta muita coisa que eu não canto, eu também canto muita coisa que você também não canta!’ foi! Assim, de cara a cara, de olho no olho. ‘Você canta corrida espacial, canta futebol, né?, canta política, canta isso, canta aquilo, agora você já cantou, é, mitologia? Não! Você já cantou o corpo humano todo? Não! Você já cantou isso e aquilo!’ Aí saiu dizendo um monte de coisa que eu não sabia, que eu nunca tinha cantado com ele. Ele disse: ‘Então não adianta, eu vou entregar você a um cantador velho pra você viajar, depois você pega outro (Entrevista ao autor em 07/08/2023).

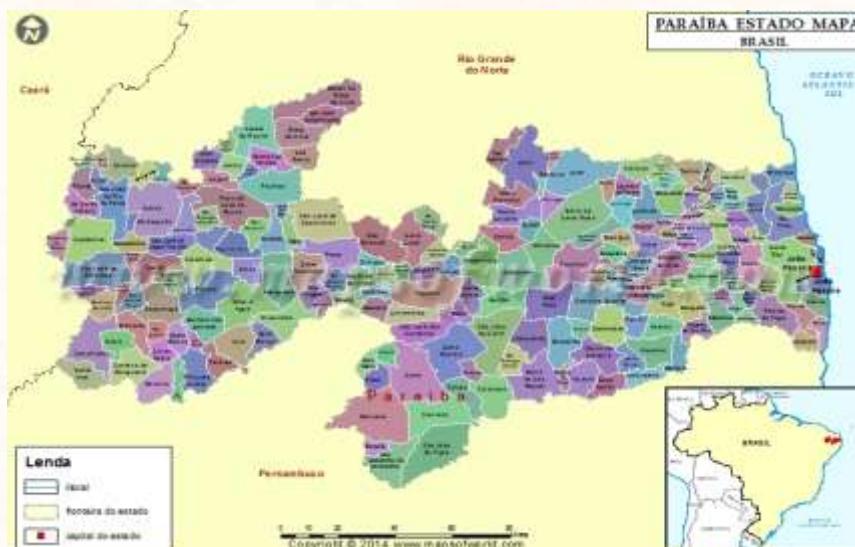
Após estas palavras de seu pai, Ivanildo segue sua jornada em três viagens que serviriam de preparação para lapidar a sua trajetória como cantador. Na primeira viagem ele com o cantador Odilon Nunes de Sá (1901-1997) paraibano de Patos de Espinharas, onde passou 30 dias no Vale do Piancó, passando pelas cidades de Santa Terezinha/PB, Catingueira/PB, Emas/PB, Olha D’água/PB, Piancó/PB, até perto de Coremas/PB.

Na volta ele faz uma segunda viagem com José Lopes Neto (1917-2009), o conhecido Zé Catôta, pelo Vale do Pajeú em Pernambuco, nos municípios de São José do Egito/PE, Tabira/PE, Brejinho/PE, Afogados da Ingazeira/PE.

A terceira viagem ele fez com Elísio Félix (1913-1965), o Canhotinho, três cantorias no Pajeú, em Tuparetama/PE e depois foram juntos para Campina Grande/PB. Essa terceira viagem lhe rendeu uns bons dias na região paraibana conhecida atualmente como Curimataú, na época, o Cariri paraibano, figura 4, passando por Pedra Lavrada, Baraúnas, Barra de Santa Rosa, Picuí e Cuité. Depois retornaram para Campina Grande antes de seguirem viagem para o litoral paraibano, figura 5, nas cidades de João Pessoa, Mamanguape, Rio Tinto e em Salema, distrito de Rio Tinto.



Figura 4: Mapa da Paraíba.



Fonte: https://pt.mapsofworld.com/brasil/estados/paraiba.html#google_vignette

De acordo com Nassif-Schroeder (2004, p. 117) na visão de Vigotski, o comportamento automático das habilidades humanas nada mais é do que o resposta incorporada do processo de aprendizagem, isto é, nem pensam para executá-los.

Além do período com o seu pai, as viagens que se seguiram foram de extrema importância. Apesar de todo o conhecimento que adquiriu com seu pai desde a infância, ele, que havia abandonado a escola ainda no primário, retomou os estudos na cidade de Campina Grande/PB, fazendo o supletivo do 1º e 2º grau, prestando em seguida o vestibular e sendo aprovado em Direito no ano de 1977.

Figura 5: Marcação da 2ª viagem de Ivanildo Vila Nova com Canhotinho.



Fonte: https://pt.mapsofworld.com/brasil/estados/paraiba.html#google_vignette

Figura 6: Marcação da 3ª viagem de Ivanildo Vila Nova com Canhotinho.



Fonte: https://pt.mapsofworld.com/brasil/estados/paraiba.html#google_vignette

Ivanildo nem chegou a iniciar o curso de Direito, justamente porque ele queria viver da cantoria e não advogando. Segundo ele, a própria classe não olhava com bons olhos o cantor que se envolvia demais com os estudos, visando outra profissão. Segundo ele:

Rapaz, porque eu fui refletir, que eu tava passando apertos devido ao estudo, passando aperto. Os cantadores, não vamos botar no circuito um sujeito que tá se preparando pra sair. Isso aí chama-se, a primeira coisa que você aprende. Se você vai ser advogado, você não vai ser cantor, a tendência é essa. Aí eu vi que o advogado, como é que iria ser advogado, aparecer perante quem? Geraldo Betão, né? Vital do Rêgo, Ronaldo Cunha Lima, Raimundo Asfora? Os caras era uns tampa, né? Zé Rabelo lá do Sertão. Aí, parei por aí e mergulhei na cantoria (Entrevista ao autor em 07/08/2023).

Segundo Sautchuk (2012, p.209), os anos de 1970 foram importantes para a afirmação de Ivanildo Vila Nova na cantoria. Em 1978, foi lançado pela Editora Universitária de João Pessoa o conhecido Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada volume I. Uma verdadeira pesquisa realizada por Átila Augusto F. de Almeida e o cantor José Alves Sobrinho colhendo informações sobre muitos nomes da poesia popular, cantadores ou não. Nesse volume eles descrevem Ivanildo, que na época estava há 15 anos na profissão, da seguinte maneira:

Ivanildo figura entre os maiores cantadores da atualidade. Verdadeira cascata de versos improvisados, tem por isso mesmo um defeito – a ausência de emoção e sutileza no que foi milionário Pinto do Monteiro (Almeida; Sobrinho, 1978, p.193).

Nos livros de cantoria é muito comum encontrar, além de um verdadeiro compêndio das modalidades cantadas naquele período, minibiografias ou resumos sobre quem eram os cantadores. No ano de 1982 José Lucas de Barros, poeta e escritor que sempre admirou os repentistas, escreve no seu livro *Repentes e Desafios* as seguintes palavras sobre Ivanildo, na época com 19 anos de profissão:

É sem favor algum, o gigante da nova geração de repentistas nordestinos. Combatido por alguns, aplaudido pela maioria, impõe, a cada momento, a força de seu gênio, merecendo a admiração e o respeito dos colegas e apreciadores da arte da viola. Culto, versátil, criativo, sua presença no cenário da poesia popular nordestina é um dos mais notáveis acontecimentos da história da cantoria. Pinto do Monteiro, monstro sagrado da velha geração, considera-o o maior repentista da atualidade, e o mestre Pinto sabe o que diz (Barros, 1985, p.130).

Figura 7: Ivanildo Vila Nova em sua residência no dia 07/08/2023.



Fonte: Autoria própria

No livro *Cultura Popular Nordestina: Um Século e Meio de Repentes*, o autor Edivaldo Muniz de Melo, divide a cantoria em gerações, sempre considerando uma nova geração a da década seguinte. Ao chegar na geração dos anos 1940, a de Ivanildo Vila Nova, ele já o descreve da seguinte maneira: “É o mais discutido cantador dos últimos 20 anos” (MELO, 1998, p.182).

Ivanildo desde os anos 1960 já vivia única e exclusivamente da cantoria, porém entra nos anos de 1980 com um certo prestígio e começa a fechar patrocínios como cantador. Em Campina Grande no período de 1982 a 1985 a prefeitura patrocinava um programa na rádio Caturité, e Ivanildo tinha um horário pago pelo governo. Após esse período, ao chegar em Recife, o relações públicas da loja Antonio Autopeças fecha com ele um patrocínio de cinco anos. Nos cinco anos seguinte, assinaram a carteira profissional de Ivanildo, porém ele não

tinha a obrigação de passar na loja, apenas aparecia para apresentar a agenda de suas cantorias e pegava brindes da loja. Desde esse período a sua cantoria tem sido patrocinada, como nos afirmou:

Isso aí eu fiz com Antonio Autopeças, depois com Havaí Autopeças, Veneza Autopeças, né, o... o... Rododiesel, Unipel, pronto, quando saiu daí, passou pra Masterboi, a mesma coisa, eles não têm vínculo social, nem eu tenho vínculo empregatício, é divulgar, né? e o prolabore. Pronto, depois de 63 eu não vivo de outra coisa a não ser de cantoria. Nunca exerci não, fiz o vestibular em 77, não entrei na universidade, continuei cantando, quer dizer, até agora, de 63 até agora só faço cantar. Agora, essa chancela, aí, desde 82, 83, eu tenho, de prefeitura, de empresas, quer dizer, hoje continuo, com a Zagno Jeans, com a Masterboi, tem o BPC, a única renda que eu tenho fora da cantoria são essas aí (Entrevista ao autor em 07/08/2023).

Considerações Finais

Esta comunicação apresentou de forma detalhada o início da trajetória profissional de Ivanildo Vila Nova e detalhes sobre sua infância e influências recebidas desde criança. Sugerimos que procurem a nossa tese para que conheçam a cantoria de repente com mais detalhes e as contribuições que o cantador pernambucano deixou para o mundo da poesia improvisada.

No início o que seria um olhar para a manifestação, pura e simples, foi com o tempo transportado para a história, sendo contada e perpetuada por quem vive o ambiente, mas não com o objetivo de propor verdades absolutas, sem fundamentação.

O nosso estudo de caso poderia ter sido com qualquer outro cantador para um entendimento do funcionamento interno deste ambiente e suas nuances nas práticas musicais vivenciadas, mas para benefício de nossa pesquisa, e um certo peso proporcional nesta balança das histórias escritas sobre a cantoria, fez-se necessário um estudo de caso com um cantador mais velho, com permanência constante dentro do viver intensamente a profissão de cantador.

No caso de Ivanildo Vila Nova, ele foi o último de sua geração a viver da cantoria de forma tão intensa e constante, e acreditamos que a difusão de seu nome e de seu legado no meio acadêmico é a oportunidade de sermos ferramenta para perpetuar cada vez mais mestres da nossa cultura popular.



Referências

ALMEIDA, Átila Augusto F. de. SOBRINHO, José Alves. Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada. Editora Universitária/ João Pessoa/PB. Centro de Ciências e tecnologia/ Campina Grande/PB. 1978.

BARROS, José Lucas de. Repentes e desafios. Senado Federal Centro Gráfico, 1985.

MELO, Edvaldo Muniz de. Cultura popular nordestina: Um século e meio de repentes. Recife/PE: Bagaço, 1998.

SAUTCHUK, João Miguel Manzollilo. A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino. Orientador: Prof.º Wilson Trajano Filho. 2009. Tese. Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília.

VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.

VOLOCHINOV, Valentin N; BAKHTIN, Mikhail M. Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011, 184p.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à Poesia Oral. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

